

O ORGÃO DO MOSTEIRO BENEDITINO DE POMBEIRO — (Felgueiras)

por **Geraldo J. A. Coelho Dias, OSB/FLUP**

Em Portugal, nos últimos tempos, tem-se assistido a uma verdadeira campanha cultural para o restauro dos órgãos das igrejas. E com razão, quer pela validade do órgão, como instrumento musical, quer pelo que ele significa no contexto do nosso património artístico.

Na realidade, o órgão, pelas suas potencialidades e aparato, é o rei dos instrumentos musicais nas igrejas, o órgão de tubos, naturalmente, sonoro, belo, monumental. Por causa da solenização do Ofício Divino, enquanto louvor de Deus, os Beneditinos deram sempre particular importância à música nas suas igrejas e, por isso mesmo, também aos órgãos. De facto, S. Bento gastara doze capítulos da sua Regra, do VIII ao XX, a regular o Ofício Divino, o «Opus Dei», e a propor a maneira de salmodiar. Por isso, a recitação solene das Horas Canónicas e a celebração da Liturgia, sobretudo da Missa Maior ou Conventual, tornaram-se apanágio e quase senha de identificação do modo de ser monástico-benedictino, sobretudo depois de Cluny. Por isso se diz que os beneditinos são os homens da Liturgia. Em Portugal, depois da reforma religiosa do século XVI e erecção pontifícia da «Congregação dos Monges Negros de S. Bento dos Reinos de Portugal» (1566-67), não houve mosteiro que não tivesse um belo e grandioso órgão. Muitos desses órgãos eram construídos por monges, sobretudo «donatos», isto é, irmãos leigos, que, não raras vezes, eram operários especializados, como Frei Filipe de S. Bento (organeiro de Ganfei, 1764), Fr. Manuel de S. Bento (organeiro de S. Bento da Vitória e de outros mosteiros beneditinos e da Misericórdia

do Porto) e até padres, como Frei Domingos de São José Varela (S. Bento da Vitória), que, verdadeiro musicólogo, publicou *Compêndio de Musica, theorica, e pratica*, Porto, 1806. Entre os beneditinos contaram-se também alguns apontadores ou copistas de livros litúrgicos (Fr. Sebastião Pacheco, Fr. Máximo do Rosário, Fr. Filipe de S. Bento, muitos compositores (Fr. Bento de Monserrat ou da Cruz, Fr. Máximo do Rosário, admirado por D. Rodrigo da Cunha, Fr. Diogo da Conceição, Fr. Mauro Peixoto, Fr. Francisco de Santa Ana, Fr. Miguel dos Serafins), tratadistas e teóricos da música como Fr. Bernardo da Conceição, para além de bons organistas e uma notável plêiade de cantores. Está por fazer o elenco e o estudo dos grandes órgãos dos mosteiros beneditinos, que, todos estes, para o adequado exercício do Ofício Divino, sobretudo nos dias solenes de culto, contavam com um bom e sempre afinado órgão de música. Aliás, falta ainda avaliar o próprio contributo dos monges beneditinos para o panorama musical português, sabendo nós que Frei Francisco de S. Luís, natural de Ponte de Lima (futuro Cardeal Saraiva) entrou no noviciado de Tibães (6/IV/1780), não por títulos de nobreza mas por «prendas de órgão e cantochão». Isto prova que os Beneditinos, sendo uma Ordem Religiosa, de certo modo elitista em termos sociais, sabiam apreciar e valorizar os dotes pessoais e os talentos musicais dos candidatos à vida monástica.

Para conservar a memória do passado, que os beneditinos da antiga Congregação dos Monges Negros de S. Bento dos Reinos de Portugal tão bem conservavam, as Consituições Beneditinas (Livro 2.º, Constituição 3, N.º 79) prescreviam os «Dietários» ou Diatários, livros da crónica do dia a dia de cada mosteiro. Seria, porém, o Dom Abade Geral, Fr. Manuel da Esperança Teles, por carta de 17/XII/1797, a estabelecer as determinações segundo as quais os «Dietários» deviam dividir-se em duas partes. A 1.ª — Trataria da fundação do mosteiro e tudo o que nele acontecer, prelados, etc. e a 2.ª — Trataria da vida e morte dos monges (Obituários). Na voragem que se seguiu à expulsão das Ordens Religiosas em 1834 e à depredação dos respectivos recheios, as bibliotecas e arquivos levaram sumidoiro, pelo que nos ficarão conhecidos apenas os seguintes «Dietários»:

Dietário de S. Bento da Saúde, 1798-1812, Lisboa (BNL, Ms. N.º 731, 732).

Dietário de Tibães, 1798-1829, Braga (Arquivo do Mosteiro de Singeverga);

Dietário de S. Romão do Neiva, Viana do Castelo (ADB-UM, Mosteiro de S. Romão, Ms. N.º 168);

Dietário e costumeiro de Ganfei, 1728 e 1800, Valença (ADB-UM, Mosteiro de Ganfei, Ms. N.º 58 e 59);

Dietário de Rendufe, 1774-1834, Amares, (Arquivo Paroquial de S. Tiago de Caldelas).

O «Dietário de Tibães», iniciado por Fr. Francisco de S. Luís, parece ser o protótipo deste tipo de livros monásticos que, nos mosteiros de província, não parece ter similar em mérito literário e histórico.

Para Pombeiro, à falta do «Dietário» monástico local, espécie de crónica do dia a dia, que nos daria informações preciosas sobre artistas e suas obras, seguiremos as anotações dos «*Estados*» enviados para o Capítulo Geral que, de três em três anos, se celebrava em Tibães e a que cada mosteiro devia mandar um relatório pormenorizado com o estado ou situação do mosteiro, quantidades e preços de gado, cereais, géneros alimentícios e bebidas, obras feitas, dinheiro gasto e em caixa, fundos de reserva, receitas e despesas, títulos de emprazamento, processos de demandas e outras informações de carácter económico. Para isso, cada comunidade local elegia dois monges, chamados «estadistas», que, com isenção, redigissem o dito «estado» ou relatório trienal, o qual devia ser aprovado e assinado pelos monges respectivos. Os «estados» constituem, portanto, uma inestimável fonte de informação material acerca da vida, actividade e obras dos mosteiros beneditinos portugueses. No Arquivo Distrital de Braga — Universidade do Minho, encontram-se 45 pastas, sob a cota «Congregação Beneditina», N.º 88-133, embora a série esteja incompleta, pois faltam sobretudo os estados de 1674-1710. Foi no Generalato de Dom Fr. Tomás do Socorro (1629-1632) que se estabeleceu a obrigação de apresentar os «Estados dos Mosteiros» ao Capítulo Geral da Congregação que, trienalmente, se reunia em Tibães. A confecção dos «Estados» obedecia a uma exigência de rigor quanto à ordem temporal dos mosteiros beneditinos, mas deles se tiram informações preciosas no plano agrícola, alimentar, arquitectónico, artístico, económico, social.

De facto, foi esta uma iniciativa digna de registo, porquanto, através dos «Estados» e dos ditos «Dietários», se possibilita uma releitura da história de cada mosteiro dentro do que, hoje, poderíamos chamar o estilo da «Nova História».

Pombeiro, que era dos mosteiros grandes e ricos, como o atesta ainda a sua grandiosa igreja, autêntica catedral de província, teve, naturalmente, o seu órgão e contava, em norma, entre os seus monges, dois organistas. Pelos Estados de Pombeiro se fica a saber o interesse que os monges tinham no órgão, as andanças a que o sujeitaram na procura da melhoria do instrumento e seu lugar mais adequado no coro, como o procuravam ter afinado e com bons foles e também como, por razões estéticas de simetria, dado o preço do instrumento, lhe puseram, a servir de «pendant», um órgão mudo ou falso.

A caixa ou «buffet» do órgão de Pombeiro, como de tantos outros,

obedecia a critérios artísticos, sendo obra de bom mestre entalhador ou imaginário, dourada e decorada até com estátuas e atlantes, como referem os documentos dos «Estados» de Pombeiro (1748) e se pode ver em vários mosteiros, como Alpendurada, Pombeiro, Refojos de Basto, Rendufe, Tibães, Santo Tirso, S. Bento da Vitória no Porto, sem dúvida o exemplar mais grandioso e imponente dos órgãos beneditinos.

Alguns passos dos «Estados» de Pombeiro permitem-nos, de certo modo, acompanhar, diacronicamente, as evoluções do órgão de Pombeiro, sem, todavia, podermos determinar, em absoluto, o seu autor ou fazer a sua descrição técnico-artística. Poderíamos, em princípio, supor que foi obra de D. Francisco António Solha (1758-1785), organeiro galego a viver em Guimarães. Ao tempo, ele nos aparece a construir o órgão dos mosteiros de S. Miguel de Refojos de Basto (1770), Tibães (1785) e de outras casas religiosas do Minho, como a Igreja dos Congregados (Braga), Santa Marinha da Costa (Guimarães), Tarouca, Sé de Lamego¹,

¹ Francisco António Solha (ou Solla), de proveniência galega, parece ter aprendido organaria em Braga com Simão Fontanes, casou em Guimarães em 1774 e ali fez testamento no ano de 1794. Foi construtor de vários órgãos: Nossa Senhora da Esperança em Ladário, concelho de Sátão, (cerca de 1765), mosteiro de Refojos de Basto (c. 1767), Misericórdia de Guimarães (c. 1775), mosteiro de Tibães, (c. 1781), Santa Marinha da Costa (c. 1788), Pombeiro, entre 1770-73, Sé de Lamego, Tarouca, talvez o de Amarante, todos bastante grandes e de notáveis recursos sonoros. Bom seria organizar um dicionário de organeiros e fazer a inventariação sistemática das suas realizações. Cfr. CARVALHO, A. J. — *Os Mesteres de Guimarães*, V Vol., Porto, 1944, 83; SMITH, Robert C. — *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça Escultor Beneditino do século XVIII*, 2.º Vol., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, 538. Na pág. 542 do 2.º Vol., Smith faz referência a uma inscrição no órgão com data de 1766 onde se diz que o organeiro foi o dito Solha, mas o abade referido ao tempo só teria sido eleito em 1777. Entretanto, é preciso pôr atenção nas datas aduzidas por R. Smith que, amiudadas vezes, troca os números dos “Estados”. Nós próprios, no dia 1 de Dezembro de 1994, no fim da missa solene concelebrada, a que tivemos a honra de presidir, dirigimo-nos ao coro alto e tentámos descobrir a dita inscrição. Lá estava, de facto, e, como no-la transmitiu solicitamente o Rev. Pe. Sampaio Ribeiro, C.M, pároco da freguesia, reza assim: «*Organum hoc ad maiorem Dei gloria(m) constructu(m) et Virgini Matri ac Parenti (Patri ?) Benedicto confectum (consecratum?) // Artificis D. Francisci Antonii Solha, imperante R.P. D. Fr. Pedro de Nazaré, 2.ª vice D. Abbate. Anno Do(mi)ni 1766*». Sendo assim, temos a certeza de que o organeiro foi mesmo o dito Solha e que o órgão estava pronto em 1766. Nesse ano era, de direito e de facto, abade de Pombeiro, pela segunda vez, Fr. Pedro de Nazaré, natural de Guimarães, que o foi no triénio de 1764-67 e tornou a ser 3ª vez, no triénio de 1770-73, como o tinha sido, pela primeira vez, já em 1758-61. Não podemos esquecer que vigorava, então, o princípio dos abades trienais na Congregação Beneditina Portuguesa. Quem estava, portanto, equivocado a este respeito era o Robert Smith e não a inscrição, que ele leu de forma incorrecta e não transcreveu. Neste momento, o órgão foi desmontado e as peças estão a monte, pelo que não nos foi possível corrigir alguns pormenores de leitura da inscrição.

contando, nalguns casos, com a colaboração de Fr. José de Santo António Ferreira Vilaça para o desenho do encaixilhamento. Na realidade, a sessão da Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, em 13/V/1775, associa na sua igreja os dois artistas e nós sabemos, que Fr. José de Santo António fez, além da caixa deste órgão, as dos órgãos de Refojos de Basto, Pendorada (referido explicitamente no «Livro de Rezam»), Tibães, Santa Marinha da Costa, S. Frutuoso de Real, Vilar de Frades e Santo Tirso. A informação do Estado de Pombeiro de 1770 de que «o órgão está quazi feito em Guimarães para se conduzir», bem como a inscrição gravada dentro do órgão confirmam-nos na certeza de que o organeiro construtor foi mesmo D. Francisco António Solla (Solha).

Eis, pois, os dados dos «Estados» de Pombeiro para Tibães, conforme os documentos conservados no Arquivo Distrital de Braga²:

1647: Tinha então o mosteiro 30 monges, porque aí funcionava um Colégio de estudo para os jovens coristas. Nessa altura, o Ofício Divino devia ser bem solenizado e, talvez por isso, fizeram-se «foles para os órgãos novos».

1743: «Fes se hum órgão novo de dose com correspondencia a vinte e quatro, com sua caixa de talha.

Fizerão se grades novas para o coro, e dous anjos sobre ellas, que tem castiçaes para alumiar o Sancto Christo. Soalhou se de novo quasi todo o coro, e todo o post coro, com taburno para os folles do órgão e se forrou por sima toda esta caza, e o tecto da Igreja correspondente ao órgão com forro mourisco».

1748: «Mudou se o orgam do meyo do choro, onde assombrava a Igreja e dezcumpunha o mesmo choro, para o lado do Evangelho, para o que se fabricou hum forte arco de pedra, acrescentando se a Orgam mais alguns Castellos, que se remeteram com suas figuras, e outras fabricas de talha: de sorte que a caixa se pos quazi toda de novo; o que deo lugar a acrescentar a Orgam mais alguns rezistos, e ajuntar se lhe hum Realejo, que ficando de fora de toda a fabrica do Orgam // do Orgam por lhe fazer fronteyra junto ao azento do organista está por tal arte, e engenho, que alem de afermozear toda a machina do Orgam, pode o Organista tocar hum, e outro com as mesmas posturas: rematando se o do Orgam pela parte inferior com huns Atelantes, e outras fabricas a muderna, que

O órgão dos Congregados, Braga, foi restaurado agora pelo organeiro António Simões, depois de ter sofrido alterações no princípio do séc. XX. Foi inaugurado no dia 6 de Abril de 1995. Como informa o P.^o Mendes de Carvalho, não tem registos de 24 palmos, mas apenas um jogo de palheta (Cfr. «Diário do Minho», 12/IV/1995).

² ADB-UM — CSB, *Estados dos mosteiros*: N.º 121 (Pombeiro, anos de 1629-1761, com falhas) e N.º 122 (anos de 1764-1822, falta o de 1807).

constituem toda a obra na mayor primor. Despede deste remate inferior do dito Orgam, outra talha que correndo em diversos Hurdens (?) todo o arco do choro, se termina este em ambas as partes com outros Athelantes, dos quaes sobe para o meyo do dito arco hua fortaleza de talha, na qual se sustenta hua fermoza tribuna ao modo de oratorio, erecta sobre o mesmo arco, em que está hua Imagem do Redemptor, crucificado em hua cruz pintada, e dourada, que terá de altura para sima de doze palmos; tendo a Imagem do Santo Christo hua grande diadema, toda dourada, e todos os mais signaes de sua sacratissima payxam muito ao vivo, e ao natural. Puzeram se mais para ultima perfeiçam de toda esta obra huas grades no choro, todas de talha, que fazendo tambem face a Orgam, se ve que toda a obra está muy perfeita, e acabada».

1755: «Concertou se todo o orgão, e rialeijo, afinandoce, e se lhe puzerão alguns canudos que lhe faltavão».

1761: «Ten se dado princípio à reedificação da Igreja, que ameaçava ruina, e que por decrepita, escura, e triste pedia hua reforma total». Nessa altura o mosteiro tinha 26 monges, entre os quais dois organistas: Fr. João de Santa Gertrudes, subprior e organista, e Fr. João da Conceição, organista.

1767: Estava-se, então, no fim do 2.º triénio do abaciado de D. Pedro de Nazaré. No item «Contas do livro das obras/Descargo» regista-se: «Deo para o Orgão com sua fabrica toda: nove centos mil reis».

Mais abaixo, no item «Obras que se fizeram»: «Fezce hum organ com eccos que contem quarenta e outto rezistos todos diferentes, obra em tudo completa: dourou se a sua caixa// caixa, e se pos outra de frente para outro orgão correspondente».

1770: «Sollhou se e forrou se a Caza dos foles e se revocou e dealbou...»

Anda se fazendo a Caixa do orgão o qual esta em bons termos para se principiar a acentar. Esta o orgão quazi feito em Guimarães para se conduzir para o que fica aplicado algum dinheiro para a conta do ajuste».

1773: «Alimpou se a figura da Justiça e repara se dous meninos que ornam o orgão mudo; fizeram se canudos, e trombetas de pao para o mesmo, e hum banco junto a elle...»

Dourou se o orgão mudo, e estofaram se as figuras do mesmo, e se dourou tambem a sanefa do oculo do coro, e as cartellas do Altar do Sacramento».

1783: «Fese hum Orgão grande com sua Caixa de Talha com bons registos sendo hum dos melhores que tem a ordem solhou se de novo a Caza dos foles de castanho».

1786: «Desmontou se todo o orgão e se alimpou».

1801: «Afinou se o orgão e concerto».

Pelo que se disse, a sequência dos «Estados» quanto aos órgãos de Pombeiro é algo confusa. De facto, começou cedo e prolongou-se a história do órgão de Pombeiro e os monges parece que primaram em o renovar. Terá havido, pelo menos, três órgãos. Um antigo, do século XVII. Outro do século XVIII que foi mudado do meio do coro para o arco lateral e que se caracterizava pela particularidade de ter anexo um engenhoso «realejo» que o organista podia tocar ao mesmo tempo.

Finalmente, um terceiro órgão, que é, com certeza, o do tempo do organeiro Solha, embora nos faça espécie a informação de 1783 quando confrontada com a de 1770. Tudo se passa no período em que Fr. José de Santo António era conventual em Pombeiro. Esse órgão, que ainda subsiste, está em verdadeiro estado de degradação. Foi feito em Guimarães e custou novecentos mil reis. Na sua versão monástica era, certamente, um órgão grandioso, barroco, de tracção mecânica com foles (não foi possível determinar quantos), com características sonoras do barroco tardio, contando 48 registos (meios-registos), enquadrado numa artística caixa, por mais que nos escapem os mecanismos do seu funcionamento. Mas talvez esta deficiência se possa suprir comparando-o com outros da oficina do mesmo organeiro. As caixas, quer do órgão quer do correspondente órgão mudo, são obra de talha dourada policromada, à maneira de mármore, realizada ou apurada pelo irmão donato beneditino, Fr. José de Santo António, no triénio de 1770 a 1773, como vem referido no «Estado» deste último ano. No «Livro de Rezam»³, entre as notas biográficas pessoais em que o dito irmão-artista refere o catálogo ou elenco das suas realizações, não vem, contudo referência explícita a esta obra; aliás, o artista mostra-se bastante discreto em referir as suas obras. Mas, Frei José de Santo António Ferreira Vilaça, natural de Braga (1731), do Terreiro de S. Lázaro, entrou para donato ou irmão leigo beneditino em Tibães a 5/III/1758, com 26 anos, e foi «Mestre de Escultura e Architectura», segundo a classificação do elenco dos monges conventuais de Pombeiro no ano de 1773, fornecido pelo respectivo «Estado». Em Pombeiro, esteve ele de conventual durante 25 anos seguidos, desde 1770 a 1795, tal

³ ADB-UM: *CSB, Tibães*, N.º 728. Aí regista ele, da folha 51 em diante «Lembrança das obras que tenho feito des que entrei para a religião». E, na fl. 51 v, referindo-se às de Pombeiro, aponta somente: «Pombeiro toda a capela mor que he das obras que tenho feito a melhor dous altares nos lados da igreja as duas quartelas que servem de alomiar o Santissimo Sacramento o guarda vento e o choro e meios corpos que nelle se acham feitos. Risco para mais couzas de ornatar a mesma igreja Sam Pedro e Santo Antonio, Sam João com seu caixilho». A lista, como se vê, é vaga e incompleta. Por isso, Robert Smith a tenta completar por aproximações de estilo e traçado e por outras fontes, como se poderá verificar no livro que lhe dedica.

como se verifica pelos sucessivos «Estados» (Cfr. «Livro de Rezam», fl. 48v: «Para Pombeiro por mandado do Nosso Reverendissimo Fr. Manuel de São Caetano do Lureto sendo abade de Pombeiro Fr. Francisco da Esperança. Fui mudado para o Couto pelo M. R. P. Fr. Bernardo da Esperança, sendo D. Abade o R. P. Fr. Joze de S. Luis») e, de Pombeiro, fez, por assim dizer, a sua sede artística, donde irradiava. Em Pombeiro realizou grandes obras de embelezamento, tanto na igreja como noutras partes do mosteiro⁴. Dali se deslocava a outros mosteiros e lugares aonde a sua fama de artista o fazia rogado e o seu engenho industrioso era requisitado. O mesmo Fr. José, no seu «Livro de Rezam» (fl.35), informa que de Pombeiro «vim conventual para o Couto (de Cucujães) em 21/IX/1795 e fui para Tibaens mudado no Abril a 15 do ano de 1796 e cheguei a Tibaens a 29 de Maio do ano de 1796). Curioso é observar como no seu «Livro de Rezam», fl. 12 ainda anota com energia: «Fugimos aos Franceses em 25 de Março de 1809». Morria, contudo, poucos meses depois, a 30/VIII/1809 com 78 anos; a notícia biográfica do seu falecimento foi redigida, de forma sumária, para o necrológio de Tibães («*Livro de Óbitos de Tibães*», Ms. do Arquivo de Singeverga). Tibães, Refojos de Basto, Pombeiro, Couto de Cucujães, Tibães, eis, pois, as estações da sua errância conventual beneditina, que é como quem diz, os lugares principais do seu labor artístico.

Por tudo isto que acabámos de verificar, é digno e justo, imperioso e urgente que se restaure o órgão de Pombeiro, esse notável instrumento musical e artístico, para bem do património organeiro nacional. Aliás, com isso, muito se valorizará a magnífica igreja monástica, sem dúvida, um dos mais imponentes edifícios religiosos de Portugal, testemunha de desvairados gostos e variados estilos desde o período medieval, românico-gótico, ao barroco. A igreja de Pombeiro pode mesmo classificar-se como a joia da arte de Fr. José de Santo António Vilaça — «das obras que tenho feito a melhor» —, como ele próprio diz e bem o comprova, documental e fotograficamente, Robert Smith. No seu livro, que abriu perspectivas novas para o estudo do barroco em Portugal, e totalmente consagrado ao nosso monge que foi artista polifacetado, com obras de arquitectura, escultura, talha, mobiliário, pintura, estuque e ferro forjado,

⁴ SMITH, Robert C. — *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça Escultor Beneditino do século XVIII*, 2 Volumes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972. Tem razão Robert Smith ao chamar a atenção para a singularidade das caixas dos órgãos de Pombeiro por comparação com outras desenhadas por Fr. José de Santo António. Com efeito, estas carecem de «pé» ou «bacia», talvez por estarem situadas dentro do próprio coro, mas apresentam semelhanças no encaixilhamento dos canos, nos relevos por baixo das trombetas com meninos a brincar e nos remates que, agora, estão privados de estátuas.

o estudioso norte-americano deixou mais que suficientemente testemunhada a polivalência hábil e o engenho artístico do donato beneditino, que, de forma tão bela, adornou a igreja de Pombeiro.

Dependuradas nas paredes do coro da capela-mor da igreja, encontram-se duas grandes telas dum outro artista beneditino. No lado esquerdo de quem entra (Lado da Epístola), está o quadro da *Anunciação do Anjo à Virgem Maria*, que está assinado ao fundo, do lado esquerdo: «Fr. José da Apresentação inventou e pintou. 1786».

Do lado direito (lado do Evangelho), em frente, aparece o quadro da *Visitação de Maria a Santa Isabel*. Não tem assinatura, mas é, indiscutivelmente, do mesmo artista. O autor, Fr. José da Apresentação, era monge beneditino, então com 23 anos de idade. Mais tarde saiu da Ordem, foi para Roma estudar arte, correu mundo e ficou conhecido como o pintor José Teixeira Barreto. Voltaremos a ele, a propósito dos quadros de Pombeiro⁵. Diga-se apenas que, na Ordem Beneditina, foi contemporâneo de Fr. José de Santo António, o que, só por si, demonstra a atracção e o pendor artístico que, ao tempo, dentro do espírito das luzes, atraia os candidatos e avassalava os beneditinos portugueses, governados por doutos abades gerais da craveira cultural de Fr. Manuel de S. Caetano do Loreto, Fr. Bernardo da Esperança Teles; Fr. José Joaquim de Santa Teresa, Fr. Manuel dos Prazares, irmão e sucessor do anterior, e Fr. Manuel de Santa Rita Vasconcelos.

Por tudo isto, dada a actual campanha nacional para a recuperação do património organeiro português, quisemos pôr em evidência, que outros se encarregarão de estudar a parte técnico-artística, a história e o valor deste grande órgão do antigo e real mosteiro de Santa Maria de Pombeiro, monumento nacional do Concelho de Felgueiras. Felizmente, o IPPAR já iniciou obras de restauro da Igreja e decidiu criar aqui uma Escola de Restauro de Orgãos. É com atitudes concretas, assim, que se defende o Património Nacional.

⁵ SOUSA, Gabriel de — *Barreto, José Teixeira*, «Dicionário da Igreja em Portugal», 2.º Vol., Lisboa, Editorial Resistência, 1983, 211-212; VITORINO, Pedro — *José Teixeira Barreto, Artista Portuense (1763-1810)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1925. A Câmara Municipal do Porto, por ocasião do Centenário da Igreja do Bonfim (1994-95), organizou na Casa-Oficina António Carneiro uma exposição sobre «Os Pintores Teixeira Barreto» (Pai e Filho).

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Natália Marinho Ferreira — *Fr. José de Santo António Ferreira Vilaça*, «Dicionário da Arte Barroca em Portugal», Lisboa, Editorial Presença, 1989, 527-530.

BRANDÃO, Dom Domingos de Pinho — *Obra de Talha Dourada. Ensamblagem e Pintura na Cidade e na Diocese do Porto/Documentação*, 4 Volumes, Porto, 1984-87.

DACIANO, Bertino — *Orgãos, organistas e organeiros*, «O Concelho de Santo Tirso — Boletim Cultural», Vol. I, 1951.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho — *O Mosteiro de Pombeiro e os Beneditinos nas origens de Felgueiras*, «Felgueiras-Cidade», Ano 1.º, N.º 1, 1993, 39-52.

FERNANDES, Maurício Antonino — *Felgueiras de Ontem e de Hoje*, Felgueiras, Câmara Municipal de Felgueiras, 1989.

OLIVEIRA, Samuel de Bastos — *Fr. Manuel de S. Bento famoso organeiro das Terras da Feira*, Oliveira de Azeméis, 1991.

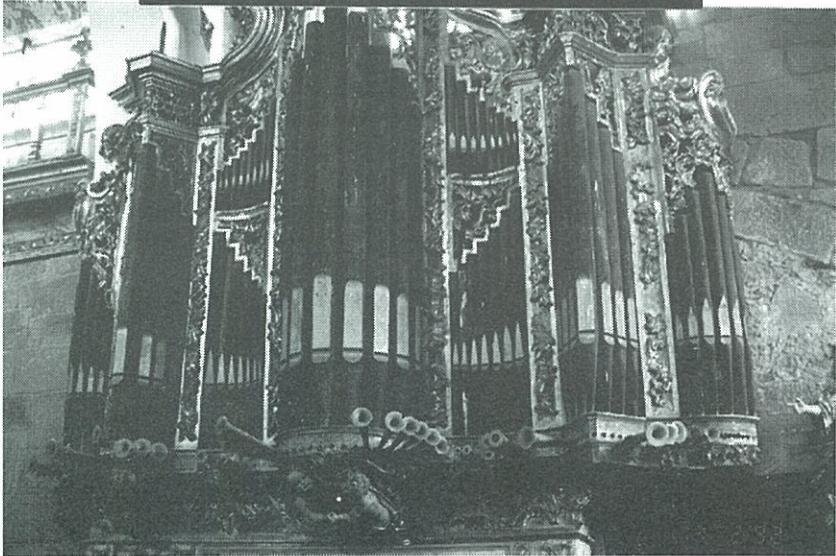
PEREIRA, L. A. Esteves — *A organaria portuguesa no séc. XVIII*, «Bracara Augusta», XXVII, 1974, 492-504; IDEM — *Inventário dos Orgãos da Diocese do Porto*, «Museu», Porto, 2.ª Série, N.º 13, 1970-71, 13-36; ID. — *O Restauro dos Orgãos*, «Ibidem», N.º 15, 1972, 59-80.

SOUSA, Gabriel de — *Beneditinos*. «Dicionário de História da Igreja em Portugal», II Vol., Lisboa, Editorial Resistência, 1981, 319-407.

VALENÇA, P.º Manuel — *O Orgão na História e na Arte*, Braga, Editorial Franciscana, 1987; IDEM — *A arte organística em Portugal*, Braga, Editorial Franciscana, 1990; *Os orgãos de Braga*, II Congresso da APAO (Associação Portuguesa Amigos do Orgão), Braga, 1993.



POMBEIRO — Enquadramento da talha do coro alto (Fr. José de Santo António Vilaça) e as caixas do órgão (à direita) e do órgão mudo (à esquerda).



POMBEIRO — O órgão e a caixa do órgão mudo.